

## MODO DE PRODUÇÃO E EDUCAÇÃO<sup>1</sup>

## MODO DE PRODUCCIÓN Y EDUCACIÓN

## MODE OF PRODUCTION AND EDUCATION

Edmundo Fernandes Dias<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto trata das reflexões feitas pelo marxismo acerca da questão da educação na sua relação com o trabalho. Inicia-se situando historicamente o pensamento do Marx e Engels sobre a unificação da educação com a produção material, colocando no centro do debate o conceito de omnilateralidade, compreendido a partir da elaboração feita em Princípios do Comunismo segundo a qual “com o fim da propriedade privada não haverá mais a necessidade de homens ligados a um único ramo da produção, mas que os homens novos possam fazer desabrochar todas as suas aptidões”, conjugação que, segundo eles, “permitiria elevar a classe trabalhadora acima das classes superiores e médias”. Situa a questão da separação entre o conhecimento puramente intelectual e o conhecimento efetivamente prático na obra de Daniel Lindenberg intitulada *A Internacional Comunista e a escola de classes*, e por fim, aponta as reflexões feitas por Antonio Gramsci. Deste marxista italiano destaca-se a unidade entre formação intelectual e a formação política como condição indispensável para a construção da subjetividade da classe trabalhadora.

**Palavras chave:** Marxismo; Modo de produção; Educação; Omnilateralidade.

**Resumen:** Este texto trata de las reflexiones hechas por el marxismo acerca de la cuestión de la educación en su relación con el trabajo. Se inicia situando históricamente el pensamiento de Marx y Engels sobre la unificación de la educación con la producción material, poniendo en el centro del debate el concepto de omnilateralidad, comprendido a partir de la elaboración hecha en Principios del Comunismo segundo la cual “con el fin de la propiedad privada no habrá más la necesidad de hombres ligados a un único ramo de la producción, pero que los hombres nuevos puedan hacer desabrochar todas sus aptitudes”, conjugación que, segundo ellos, “permitiría elevar la clase trabajadora arriba de las clases superiores y medias”. Sitúa la cuestión de la separación entre el conocimiento puramente intelectual y el conocimiento efectivamente práctico en la obra de Daniel Lindenberg intitulada *A Internacional Comunista e a escola de classes*, y por fin, apunta las reflexiones hechas por Antonio Gramsci. De este marxista italiano se destaca la unidad entre formación intelectual y formación política como condición indispensable para la construcción de la subjetividad de la clase trabajadora.

**Palabras-clave:** Marxismo; Modo de producción; Educación; Omnilateralidad.

**Abstract:** This text talks about the reflections made by the Marxism on the question of education related to work. Start up historically situating the thought of Marx and Engels on the unification of the education with the material production, placing in the core of the debate the concept of omnilaterality, understood from the elaboration made in Principles of Communism where “in the end of the private property there won’t be the need of the men linked to a single line of production anymore, but that the new men can make all their skills sprout”, conjugation that, according to them, “would allow to rise the working class above the high and middle classes”. The separation between the purely intellectual knowledge and the effectively practical knowledge is placed in the title “The Communist International and the school of classes” from Daniel Lindenberg, and, finally, point the reflections done by Antonio Gramsci. From this Italian Marxist it’s emphasized the unit between the intellectual formation and the political formation as an indispensable condition to the construction of the subjectivity of the working class.

**Key-words:** Marxism; Mode of production; Education; Ominilaterality.

Esta sessão começou pela fala de uma das pessoas mais inteiras que conheço. Celi é, se podemos chamar alguém de homem ou de mulher integral, um belo exemplo. É uma comunista no melhor sentido dessa qualificação, uma intelectual, uma pessoa que joga toda sua vida, sua emoção, sua razão na construção de uma nova sociabilidade. Isto é cada vez mais raro, seja na nossa universidade, seja na totalidade social que vivemos. Manter esse tipo de trajetória é absolutamente vital porque a barbárie já chegou e nós queremos um socialismo que ultrapasse a barbárie.

Primeiro quero dizer o seguinte. Este debate está sendo feito em um momento em que se comemoram 160 anos de Manifesto Comunista! E, posso estar enganado, mas quase não houve referências ao fato. Creio que deveríamos fazer um bom evento sobre isso.

Vou começar com uma fala inteiramente diferente dos dois outros palestrantes. Começo dizendo como o Marx e o Engels trabalharam a questão da educação. E vou trabalhar a questão a partir de um autor italiano, que eu particularmente considero um dos grandes autores da área da Educação, do ponto de vista do marxismo, que se chama Mario Alighiero Manacorda. Vocês conhecem dele talvez a História da Educação que está publicado em português. Tenho aqui uma edição espanhola *Marx y la Pedagogia Moderna*, e têm também *Gramsci e o Princípio Educativo*. Considero que o texto do Manacorda sobre *Marx e a Pedagogia Moderna* é fundamental para entendermos as colocações que os dois maiores amigos e revolucionários Marx e Engels fazem sobre educação no período. Então comecemos situando historicamente o pensamento do Marx e Engels sobre a questão da escola.

Manacorda fala em três grandes momentos deste processo: a) o momento de 47/48, b) o momento de 66/67 e c) um texto de 1875. O primeiro momento é o debate que se faz entre o Marx e o Engels no contexto da revolução de 48 e da construção e consolidação da Liga dos Comunistas, ex-Liga dos Justos. É costume pensar que os grandes autores conversam apenas entre si. Neste período o *Manifesto* e os *Princípios do Comunismo* são o debate, a tradução, de todo um conjunto de experiências que o movimento operário europeu estava vivendo, portanto não são apenas idéias dos próprios autores, o *Manifesto* talvez seja a síntese mais brilhante do que a classe trabalhadora produziu com a capacidade teórica de formalizar e dar um contexto que localize o conjunto das lutas, apontando para um programa de transformação revolucionária que ela vinha construindo, mas que acaba prisioneira, de um conjunto de seitas, sociedades secretas, que era a forma de resistência possível ao tempo. O Congresso da Liga dos Justos recomendou a elaboração de um documento que, a partir das idéias de Marx e Engels, proclame os princípios e os programas dos comunistas, o que é uma novidade absoluta. Ao invés de manterem-se em seitas secretas, assumem uma postura nova, radicalmente nova de um partido e vão expor ao mundo as suas idéias e a exposição dessas idéias vai ser feita no contraponto, na luta ideológica com o pensamento burguês. Obviamente não terei tempo para fazê-lo aqui, mas esse assunto dá um belíssimo seminário.

Engels fez uma reflexão crítica, o primeiro esboço de uma crítica da economia: um texto genial, segundo Marx. Através da análise da sociedade inglesa ele aponta a formação social inglesa como fundamental para entender o que está ocorrendo. Trabalha a idéia central de que o elemento fundamental de explicação é a concorrência - concorrência entre burgueses e concorrência entre os próprios trabalhadores. Engels na sua *Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* vai fazer, então, uma síntese de

todo este material que a própria classe vem elaborando. Nos *Princípios* ele escreve essa experiência na forma de um catecismo. São perguntas e respostas que tem para ele um rigor quase que geométrico na exposição. Mostra que a idéia da possibilidade revolucionária não é um desvario de dois jovens intelectuais, mas é a demonstração, com os elementos que ele possui ao tempo, lembrando que o capitalismo estava na fase extremamente jovem e, portanto, estavam apontando a tendência no momento em que vivem.

Uma das coisas que se falam sobre Marx e Engels é que eles erraram porque não viram isso, não viram aquilo. Não eram videntes, não tinham bola de cristal. Marx e Engels trabalharam o existente tentando captar o sentido e assim dar uma direção ao movimento da classe. O *Manifesto* então vai ser escrito por ele. O próprio Engels, comentando seus *Princípios* diz: temos que trabalhar este manifesto incluindo uma análise historiográfica.

Nos *Princípios do Comunismo* Engels na pergunta oito diz assim: “Educação para todas as crianças, iniciar desde o primeiro momento em que possam prescindir dos cuidados maternos em instituições nacionais, a despeito da nação. Educação e trabalho juntos!” Há aqui a expressão de um momento histórico que se acentuaram duas coisas: o caráter democrático da proposta – a universalidade e a gratuidade e o caráter socialista, que vinha pela idéia de instituições nacionais. Diziam eles: “com o fim da propriedade privada não haverá mais a necessidade de homens ligados a um único ramo da produção, mas que os homens novos que possam fazer desabrochar todas as suas aptidões”. Lembro que este é um tema muito caro à *Ideologia Alemã* – “às sete horas da manhã você é pensador, trabalha um pouquinho para benefício da sociedade tal, ao meio dia você é pintor e o resto da tarde vamos namorar um pouquinho porque ninguém é de ferro!” (Marx, 1945/46, p.41). A última frase é uma adaptação livre, é claro.

Então se juntássemos educação industrial e o trabalho produtivo, teríamos duas possibilidades históricas: uma, a que vocês conhecem como polivalência e outra como politecnia. No *Manifesto* Marx resolve este *imbroglio*, dizendo duas frases fundamentais para entender e vermos a atualidade deste raciocínio e desta elaboração: “que esta idéia da educação para o trabalho, em especial a educação industrial é uma das proposições prediletas da burguesia, cujo verdadeiro significado é adestrar cada operário no maior número possível de ramos, em face da introdução de novas máquinas e a possibilidade de recolocação dos trabalhadores”. Isto significava a destruição do trabalho artesanal e era necessário para construir o proletário moderno na perspectiva, evidentemente, do capital. Isto já está apontado no *Manifesto*. Diz ele ainda: “A educação pública e gratuita de todas as crianças, abolição do trabalho das crianças nas fábricas na sua forma atual, a unificação da educação com a produção material”. Aqui ele coloca uma nova problemática, visto que a fábrica como estava sendo pensada não eliminava a divisão do trabalho, portanto, não elimina o trabalho estranhado. Em um segundo momento, muito rapidamente, ele localiza em dois textos: um, as instruções aos delegados a Conferência de Genebra, da Primeira Internacional: “à instituição é oferecida, a partir dos 9 anos (isso não se pode chocar muito as boas almas) cada criança deve converter-se em um operário produtivo e cada adulto deve, segundo as leis da natureza, trabalhar tanto com o cérebro quanto com as mãos”. Ele propunha a união com o trabalho produtivo remunerado, com a educação intelectual, com o exercício físico - a educação física - e com o adestramento

politécnico. “Essa conjugação permitiria elevar a classe trabalhadora acima das classes superiores e médias”. Marx está trabalhando com a questão fundamental do acesso à cultura, ainda que fruto dos desejos dos burgueses, e que a grande imprensa permitiu aos trabalhadores. Os trabalhadores tinham agora melhores condições de se formar, evidentemente a um custo mais duro, porque era no seu tempo de descanso.

Porque a Educação Física? Por que a fábrica destrói o corpo do trabalhador e o embrutece ideologicamente. Veja que não tem nada a ver com a idéia da ginástica, por exemplo, que a minha geração teve. Aquele negócio de correr no pátio da escola – um-dois, um-dois, direita-esquerda como fazem os ‘milicos’, nada disso. Isso não permite formar intelectuais. A educação tecnológica, porém, não substitui a educação intelectual, a educação de conteúdo. Essa é uma discussão muito moderna na educação, tem gente que acha que o problema não é mais dos conteúdos. A educação e a cultura formariam então o trabalhador produtivo com a educação e ginástica, não só como método para aumentar a produção social, mas como a única forma para produzir homens historicamente desenvolvidos. Estamos falando da ominilateralidade. E isto só é tão mais acentuado, porque a moderníssima ciência e tecnologia na história de Marx elaboram e eliminam com rapidez formas do processo de produção, variações do trabalho e a necessidade de deslocamento do trabalhador - isto é de uma atualidade brutal, estamos no século XX, no século XXI. Claro, são formas diferentes, mas a temática está lá.

Finalmente ele entra numa discussão, que é uma discussão importante, se esta escola vai ser para todo mundo ou somente para os filhos dos operários. E, com a eliminação da burguesia, ou seja, com a eliminação da propriedade privada, o ensino tecnológico teórico e prático nas escolas dos operários seria a norma. Enfim a *Crítica de Gotha*, que é um texto absolutamente genial que todos deveriam estudar, porque é um manual de como ler os programas dos partidos políticos. Sobre a educação, Marx faz três críticas, que vou me permitir ler - não sei se todos sabem, mas enfim, é uma discussão entre ele e o Lassalle, brilhante orador, teve simpatia pelos movimentos operários, flertava com a burguesia. Isto é um conjunto de frases feitas, o programa que ele fez - parece até político brasileiro falando. Marx questiona: “educação popular igual para todos? O que entendemos por estas palavras? [que] na possibilidade atual a educação possa ser igual para todas as classes ou se quer que também as classes superiores fiquem limitadas coativamente aquele pouco de ensino da escola popular; aquele compatível, tanto com as condições econômicas dos trabalhadores assalariados como dos camponeses”.

Segundo ponto: “educação geral obrigatória e instituição gratuita. As escolas deveriam aspirar, pelo menos, as escolas técnicas e práticas junto com a escola popular”; e o terceiro: “proibição geral do trabalho das crianças”. Sua realização, quando fosse possível seria reacionária, porque ao regular severamente a duração do trabalho segundo as várias realidades e adotar fontes de proteção contra as questões de riscos a relação precoce do trabalho produtivo e ensino constituem um dos mais poderosos meios de transformação da sociedade atual.

Este é o conjunto de reflexões que eles estão fazendo. Porque estão fazendo isso? Não porque freqüentaram uma faculdade de educação, claro que não eram pedagogos, mas estão respondendo as tarefas revolucionárias colocadas no seu tempo.

A segunda parte que eu queria colocar é o seguinte: esse é um debate muito rico, entretanto não vou ter tempo mesmo, mas vou indicar o livro do Daniel Lindenberg intitulado *A Internacional Comunista e a escola de classes* que apresenta discussões fascinantes e cita Freinet um educador comunista que na primeira guerra mundial perdeu o pulmão e perdeu o modelo de orador daquele tempo. Este desenvolve todo um sistema que passa por um processo de construção através de tipos móveis de imprensa onde as crianças são alfabetizadas, escolhiam uma história e montavam uma tipografia tipo móvel, onde faziam livros e aí eram alfabetizadas. É a radical condenação da separação entre o conhecimento puramente intelectual e o conhecimento efetivamente prático, evitando assim a divisão entre o trabalho intelectual e o manual.

Num terceiro momento, vou me dar o luxo de falar um pouco sobre Gramsci. Ele era um lingüista de formação profissional, não tendo feito faculdade de educação. Queria chamar a atenção para a questão da cultura. Ela é elemento constitutivo do processo de hegemonia. O pensamento gramsciano antes de qualquer coisa é entendido como organizador de partidos. Ele tem um texto belíssimo chamado *Socialismo e Luta de Classe*, que é de 1916: “o iluminismo não foi um fato intelectual pedante. O iluminismo foi uma magnífica revolução, uma revolução cultural, que unificou homens e mulheres anteriormente dispersos, dando um sentido e direção, foi um poderoso exército em que milhares de pessoas antes dispersas e transformavam numa classe social, pelo menos na direção da sua classe social, que eram os grandes pensadores burgueses”. E Gramsci diz que o proletariado também vai ter que fazer sua magnífica revolução, vai ter que construir sua direção, os seus intelectuais. Neste sentido ele dizia que “a reivindicação da ignorância é uma reivindicação burguesa, a dos trabalhadores sempre foi à inteligência”. Isso é resposta a um anarquista que fala que os artigos que ele escreve são muito difíceis. Ele diz, “se nós não formos preparados para compreender o mundo, nós já estaremos derrotados antes de travar a batalha”.

A preparação intelectual e moral que ele vai falar no cárcere já está aí, em 1914. O primeiro artigo dele é *Neutralidade Ativa e Atuante*, onde afirma que “o papel dos socialistas não é falar do socialismo em geral, mas do socialismo na sua sociedade”. Como se constrói ali, na perspectiva, evidentemente, internacional. E aí a formação intelectual e a formação política são uma unidade. Isto se exemplifica claramente em um período de agitação muito forte, chamado Biênio Vermelho, quando os operários de Turim ocupam as fábricas. A tese que Gramsci sustentou neste período é que “se no início do capitalismo o burguês tinha algum significado na produção diária, agora, no século XX ele se transformou apenas em um policial da produção”. Ele não tem nenhuma função útil. A função útil não está mais na mão dele, mas na mão dos capatazes, daqueles que fazem a mediação entre a burguesia na sua forma mais clássica e o operariado. Ou seja, são o que vocês chamam vulgarmente de classe média, cujo papel é deglutir parte da mais-valia operária para servir ao capital.

Bom, alguns como nós, um pouco melhores, estão do outro lado. O núcleo da sua totalidade, até para sua dependência estrutural ao capital ou ao Estado, formam os conjuntos de vigilantes e que para Taylor eram necessários seis para cada trabalhador: vigiavam, olhavam, observavam, porque os trabalhadores artesanais tinham o controle técnico da produção, não o controle social, mas o controle técnico. Então era preciso expropriar a subjetividade desta classe, capturar o seu conhecimento e

transformá-lo em conhecimento do capital. Para usar uma linguagem que vocês vão entender, o que esses expropriadores faziam em relação aos trabalhos dessas pessoas era o equivalente, por exemplo, vocês observam quando reduzem um determinado modelo matemático, transformam em um programa do computador e você expropriou todo saber, só que o expropriador já foi expropriado; esse é o processo pelo qual o capital vai também colocando seus mais próximos nos seus lugares.

E o fundamental, a questão do Biênio vermelho (1919/1920) é a questão da Revolução. Aliás o conceito central para entender o Gramsci é o conceito de Revolução. Não é o de hegemonia, não é o de intelectual, é o de Revolução, essa busca ele faz o tempo inteiro. Nessa época a Rússia, estava sofrendo uma pressão e um cerco do capitalismo. Então qual era o grande problema? Eles pegavam uma sociedade onde o operário era uma pequena ilha de um oceano camponês – tem um texto muito bom sobre isso do Oscar Anweiler sobre os soviets – e estes trabalhadores foram também destruídos pela Guerra Civil, pela ocupação de tropas estrangeiras, então os russos anunciavam nos jornais socialistas que pagavam a preço de ouro os trabalhadores altamente qualificados. E a reflexão que o Gramsci fazia neste momento era a seguinte: e vai que a gente ganha a guerra na Itália, a gente vai ter também cercado! Então é preciso que o operário não faça apenas a revolução no sentido de ocupação do poder central, mas que ele possa construir uma nova sociedade em todas as suas formas. Quando eles ocuparam as fábricas, eles o fizeram na perspectiva da gestão da sociedade futura e cada militante deste movimento é um intelectual: “ele deve conhecer o processo do trabalho como um todo, ele deve conhecer como os burgueses controlam a técnica e mais, eles devem procurar se informar até sobre a conta do banco da Suíça onde os caras colocam o dinheiro”. A enquete operária de Marx fora vivida pelos operários.

Então, é este o clima que vai se dar antes da derrota do movimento operário, e só depois o fascismo triunfou, não veio para derrotar o movimento operário, mas para consolidar o que já havia sido derrotado. A perspectiva, portanto, em que Gramsci vai escrever o caderno do cárcere é a seguinte: Porque perdemos? Então, toda a reflexão sobre as cartas, etc., estava respondendo concretamente em como resolver isto, como cortar esta situação. E aí ele vai trabalhar a idéia do intelectual, não como um ser afastado da produção, etc.; que pensa como o Taylorismo e os outros exemplificarão. Ele vai fazer uma discussão sobre quais são os intelectuais; ele vai discutir pelo menos dois grandes tipos: os intelectuais orgânicos, que estão vinculados as classes fundamentais: a burguesia e o proletariado, e os intelectuais tradicionais.

Muitas vezes a burguesia se utiliza da teoria pedagógica da reprodução para legitimar a construção de um aparelho que eles não podem, não querem gastar seu tempo. O intelectual da burguesia é o intelectual técnico, aquele que faz, o que seria hoje o engenheiro da produção ou algo deste tipo. Os grandes juristas, os grandes filósofos, os grandes políticos são em geral tradicionais. Este não tem o controle do processo produtivo, mas tem as condições de existência disso. Bom, estes intelectuais são formados longamente. Com uma vantagem extra, para usar uma expressão gramsciana o seu conhecimento é taylorizado. Ele está trabalhando sobre o existente, portanto é a pessoa que vai dar racionalidade ao processo existente. O advogado é o advogado da propriedade; o médico não é o médico social, mas o especialista; o arquiteto que vão construir as casas populares, a não ser que isso interesse ao

capital ou ao estado, como no início do século passado, onde tínhamos as vilas operárias, que era uma forma de juntar e controlar melhor, inclusive a sexualidade dos trabalhadores.

Quero chamar a atenção que a algo que a Celi falou que é um diálogo que não chegou a ser desenvolvido, mas esta lá. É um diálogo entre o Trotski e o Gramsci, sobre o modo de vida, que o Trotski chamava de *bit*. Ele respondia a um problema. O partido bolchevique está sofrendo toda aquela destruição e o que acontece? Está sugerindo um bando de arrivistas ligados a nova política econômica, que não tinha tradição operária, que não tinha laços operários. Então Trotski vai discutir o que? A questão do alcoolismo, a questão da cultura, a questão do cinema, entre outras. Esse livro sobre a questão do modo de vida é fundamental.

O taylorismo não é apenas uma questão de controle de trabalho na fábrica, mas é um modo de vida, há ligação forte do taylorismo com o fordismo por exemplo. A acentuação forte do taylorismo com a idéia de patriotismo, com a moralidade burguesa, etc. Ford, que era um gênio, do capital, mas um gênio, ele controlava tudo, desde as vilas operárias, onde homens e mulheres viviam em casas separadas, a não ser que eles fossem casados. Não porque ele fosse moralista, mas dizia uma frase que é muito interessante: “homens e mulheres que passam a noite inteira caçando outro parceiro não tem força nem ‘tesão’ para trabalhar no dia seguinte”. Então a moralidade e a repressão ao alcoolismo não tem nada ver com a “moral”, mas tem relação com as condições de criar um proletário estável. E Gramsci, desta discussão, tira muitas conclusões sobre o americanismo-fordismo que ele localiza também na União Soviética. Então, nessa condensação o trabalhador que até 10 anos atrás estava submetido ao ritmo da natureza, do campo, hoje está imensamente transformado. Por quê? Porque ele agora está mediado pelo ritmo do relógio. A família ampla está reduzida, porque não tem como sustentar a filharada. A filharada, por mais que possa vir a ser também um elemento de sustentação da família não tem mais as condições que tinham; a ideologia que tinham foi violentamente subvertida; a introdução de todas as formas de trabalhar alterou inteiramente. Bom, e aí, tem outro problema, que é uma discussão ao estatismo e o socialismo, que na URSS hoje há a estatização - Bom, eu não gosto de falar que houve um socialismo realmente existente, eu gosto de falar que houve um socialismo realmente inexistente.

Então, a construção do intelectual vai ser feita em vários níveis, vai ser feita basicamente e centralmente pelo partido. O partido é a academia da classe. Ou seja, o partido deve ser aquele que experimenta, Gramsci chama os bolcheviques de “cientistas experimentais na ciência política”, frase que tenho uma grande simpatia porque expressa a unidade entre teoria e prática e expressa o sentido de direção revolucionária. Esses cientistas experimentais da classe fazem isso de uma forma coletiva e não individual, não o individualismo acadêmico, mas a experiência do debate – ver *Intransigenza-Tolleranza, Intolleranza-Transigenza* de Gramsci. Se o debate é feito tolerantemente, se se constrói coletivamente a reflexão, se os que têm menos preparo conseguem ter condições de aprender com aqueles que têm mais preparo, você cria elementos que podem a cada momento responder os problemas sem grande dificuldade. Agora, se você foi intolerante, se você não permitiu o debate, se você forçou, o que vai acontecer? A pessoa não se forma e no primeiro embate abre mão de tudo, porque não tem resposta para nada. Esta perspectiva é o que Gramsci está chamando de princípio educativo. O trabalho é o elemento

que vai fazer este processo em outros campos. Para usar uma expressão não muito rigorosa, o partido faz isso, ele na fábrica ou ele no trabalho ou na agricultura faz isso, ele no seu trabalho especificamente intelectual faz isso. Só que com duas condições: o primeiro, é que você não tem que ser necessariamente obrigado a ser subalterno nesta situação. Por exemplo, há uma situação em Cuba muito interessante: houve uma universalização do acesso à universidade, é mais fácil encontrar um engenheiro do que um operário da construção civil. O acesso universal a educação fez isso!

Para isso tudo, o partido tem que ser um partido democrático. O que ele quer dizer com isto? O partido, como intelectual coletivo, tem que fazer a unidade entre o saber nas direções e a experiência da base. Nesta dialética entre o saber das direções e a experiência da base Gramsci utiliza muito a linguagem militar porque sempre viveu em ambiente de guerra, ou Guerra Civil ou Guerra Mundial: “todos os soldados devem chegar a poder ser um capitão”, mas para isso é preciso que o capitão perceba e atue no sentido dessa construção coletiva e aprenda com o soldado. Quem serviu o exército sabe que quem move a tropa não é o capitão, quem move a tropa é o sargento, é o cara de mediação, é o intelectual intermediário, que faz a mediação entre a direção e a base. Só que tem que ser um processo contínuo, se o partido se enrijece e não tem possibilidade dos soldados chegarem a capitão, danou-se!

Gramsci trabalha, embora ele não use essa expressão, com algo que eu chamo de “captura da subjetividade dos antagonistas”. Por quê? As pessoas estão acostumadas a pensar que o capitalismo é brutal ou porque reprime os trabalhadores na sua forma mais imediata ou pelo desemprego. A dominação capitalista é tão mais forte quanto os operários vêem no capital o seu horizonte político e intelectual. Se o operário tiver a cabeça burguesa não é preciso reprimir, ele já está reprimido! Não se trata de estar cooptado! Ele foi capturado, o que é diferente! Ele passou a pensar num outro discurso, é só olhar a realidade brasileira; é só ver quantas pessoas se dizem radicais de esquerda e que hoje fazem as coisas mais perversas, que nem o neoliberalismo na Inglaterra com a Margareth Thatcher e com o Reagan nos EUA fez! E tem apoio popular! Por quê? Porque eles sintetizam uma subjetividade do movimento social que expressa essa afetividade e faz essa afetividade se voltar contra o próprio movimento social. Isto é um poderoso elemento de controle! Educar comunistamente é preparar-se para a emancipação. E isto significa formação rigorosa, debate franco e construção coletiva.

Por fim, eu queria chamar atenção para um livro de Ellen Wood e John Foster *Em defesa da história*. Este livro é um muito interessante. Vou ler duas coisas: a primeira é sobre a ignorância e a boçalidade com que trata a obra de Marx. Vou ler apenas um trechinho para vocês verem o nível que a academia chegou, neste caso, está discutindo o programa do meio ambiente, evidentemente que Marx nunca pensou! Interessante isso! Ele nunca pensou no feminismo, nunca pensou no meio ambiente, etc. Tem reflexões sobre a questão ambiental em Marx, tem! Tem reflexão sobre a questão da mulher, tem! Mas não na forma como foi colocada hoje! Bom, vejam só esta pérola! É um ambientalista pós-moderno chamado Wade Sikorsky, que em um livro intitulado *Modernity and Technology* diz o seguinte: “Marx foi, em nossa era um dos adoradores mais devotos da máquina; os pecados do capitalismo deveriam ser perdoados porque estavam em processo de aperfeiçoar a máquina!” Absolutamente genial! Bom, eu não

sei se é um cretino em estado puro, um ignorante em estado puro, se ele é um canalha ou se ele é uma articulação dialética de tudo isso!

Bom, eu queria terminar com uma frase da Ellen Wood, que acho um desafio para nós. Ela afirma: “penso realmente que estamos neste momento em uma situação sem precedentes, algo jamais visto em toda a história do capitalismo, o que estamos experimentando agora não é apenas um déficit de ação ou ausência dos meios de organização necessários a luta (embora estes certamente existam de forma incipiente); não é apenas que não sabemos como *agir* contra o capitalismo; estamos esquecendo mesmo como pensar contra ele”. Nossa tarefa é responder isso. Porque, na medida em que eu aceito a agenda pós-moderna, em que digo que o trabalho morreu, eu renuncio a pensar a possibilidade da história, o que é um contra senso.

Acho que este é o nosso desafio e o trabalho dos educadores é construir com a classe e não sobre ela, o processo de uma direção e o processo de um saber. Tem uma provocação que não posso resistir! O debate sobre o Modo de Produção pode nos conduzir a um debate conceitual. Quando se diz Modo de Produção Capitalista ainda estamos num plano conceitual; mas quando se diz Modo de produção capitalista no Brasil aí se tem uma compreensão histórica, porque não é a classe operária, é a classe operária brasileira, não é burguesia em geral, mas a burguesia que vive no Brasil, mas não é brasileira. O conceito de modo de produção é absolutamente fundamental, mas ele em si mesmo não resolve o problema; se eu não souber operar com ele e, a partir da operação destes conceitos eu posso entender o real. Nos anos 60 na Itália houve um debate muito interessante sobre Modo de Produção e Formação Econômica e Social. Por que aí está todo um conjunto de discussões que devemos nos ocupar.

---

### Notas:

<sup>1</sup> Conferência proferida durante o Debate *Modo de produção e educação*, realizado na Faculdade de Educação da UNICAMP. Transcrição Karina de Toledo Araújo. Revisão de Lucelma Silva Braga e do próprio autor.

<sup>2</sup> Atou como Professor do Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciência Humana (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). 1º Secretário da ADUNICAMP. Coordenador Geral da Associação Brasileira de Educadores Marxistas (ABEM). Email: praxis@lexxa.com.br